

“Óia a feira”

A Feira Central de Campina Grande é um conjunto de fragmentos imprevisível da cidade. Não se pode dizer exatamente onde ela começa ou termina, mas a partir da leitura desse território entendemos que existe uma linha de força, que atravessa esse espaço, no eixo leste-oeste, orientando e conectando os seus principais fixos e fluxos. Ela parte da Rua das Flores (Rua Manoel Farias Leite), atravessa o Largo do Pau do Meio, que distribui as atividades aos edifícios singulares (Mercado Central, Edifício Pau do Meio, Armazéns e Cassino El Dourado), e em seguida, permeia a paisagem das ruas do entorno, e se desdobra por todos os cantos da cidade. Quando a parte vira o todo.

De acordo com Velloso (2022), “num objeto ou acontecimento urbano refletem-se o conhecimento, a percepção e os gestos dos habitantes: os lugares em que se vive a cidade são sempre junção, articulação - arranjo de formas de conhecer, perceber e agir”. Desta forma, do ponto de vista social, a Feira é lugar de encontro e de convivência dos diferentes grupos sociais, possibilitando troca de informações, experiências e saberes entre os vendedores e consumidores, carregadores e transeuntes. Além disso, é lugar de resistência cultural, onde as tradições populares são preservadas e transmitidas de geração em geração e convivem com as transformações advindas da contemporaneidade. Já do ponto de vista econômico, têm um papel significativo no desenvolvimento da economia popular, sendo referência na região nordeste.

Assim, a proposta de requalificação urbanística para a Feira Central de Campina Grande, aqui apresentada, tem como princípio norteador o “conceito colagem” por meio da sobreposição de tempos, textura e afetos dentro deste espaço. A partir do fortalecimento dessa dinâmica urbana vibrante que se desenvolve na dimensão do cotidiano, a partir de um partido livre, flexível e adaptável, considerando o senso de pertencimento e identidade dos seus habitantes, bem como a reversibilidade intrínseca dessa paisagem, em dia de feira e em dia comum.

Nesse sentido, foram identificados os principais conflitos a serem mitigados e potencialidades para serem aprimoradas no território, a partir da proposição de um rearranjo dos seus fragmentos, atendendo integralmente às diretrizes gerais de sustentabilidade, conforto ambiental, acessibilidade e mobilidade, inovação, exequibilidade, economia e viabilidade técnico-construtiva. O reordenamento do território, a partir do “conceito colagem”, preservou a vocação preexistente de cada localidade da feira e foi materializado na proposta a partir da implantação de lonas coloridas tensionadas, elemento chave que permeia os espaços em menor ou maior intensidade, variando conforme os usos e atividades específicas de cada plano de suporte. As lonas coloridas se entrelaçam em um plano superior e potencializam a ambiência labiríntica característica da paisagem, formando um teto colorido que dá unidade ao conjunto de fragmentos que compõem a feira, permitindo a permeabilidade visual, a ventilação e a iluminação natural.

Por fim, essa proposta de requalificação urbanística busca, para além dos aspectos físicos, sociais e econômicos, fortalecer o valor simbólico desse território na cidade, enquanto marco na paisagem. Por ser um lugar de referência e identidade, espaço livre público criado pela tradição, mantido ao longo do tempo por gerações, formado e transformado na dimensão do cotidiano por seus habitantes.